



Poços de Caldas

3º Congresso Nacional de Educação

AS PERCEPÇÕES AMBIENTAIS PRESENTES NOS MAPAS MENTAIS NO ESPAÇO RIBEIRINHO DE PORTO VELHO – RONDÔNIA

Lucileyde Feitosa Sousa¹

Eixo Temático: **Educação Ambiental**

Resultado de pesquisa

Resumo: Este trabalho é resultado de uma pesquisa, com viés fenomenológico, que procurou compreender a percepção dos alunos residentes em área rural sobre a problemática vivida no espaço ribeirinho da cidade de Porto Velho, Estado de Rondônia, e evidenciada nas duas grandes enchentes de 2014 e 2019, onde se convive até hoje com essa problemática ambiental. **Introdução:** O objetivo do artigo consiste na análise dos significados do grupo em relação ao espaço ribeirinho afetado diretamente pelas enchentes que colaboraram para a interrupção das aulas e o descumprimento do calendário escolar. As comunidades amazônicas sempre tiveram seus modos de vida ligados ao rio e a floresta, mas com a construção de duas Usinas Hidrelétricas na cidade de Porto Velho (Santo Antônio e Jirau) esse mundo vivido sofreu alteração, com populações sendo expulsas para as áreas periféricas da cidade, muitas vezes, sem condições de acesso à educação e saúde, alterando o modo de vida, o que evidencia um conjunto de problemática ambiental e social de difícil superação pela dificuldade do poder público realizar um planejamento eficiente e de interesse da coletividade. Essa pesquisa fundamenta-se nas análises do mundo vivido e das

¹É docente da Rede Pública de Ensino de Porto Velho-RO, Conselheira no Conselho Municipal de Educação – CME/Câmara de Ensino Fundamental -CAEF e pesquisadora na área da cultura amazônica, saberes ambientais e representações de populações tradicionais, Atua no jornalismo (televisão/Programa Sala de Opinião e Rádio CBN Amazônia) e colabora na popularização da ciência na Amazônia. e-mail: lucileydefeitosa@gmail.com.

relações espaciais construídas pelas pessoas sobre o lugar. Muitos dos problemas encontrados na cidade de Porto Velho se apresentam nos mapas mentais. Há uma singularidade no espaço ribeirinho que foi desconsiderado pelo poder público local, como a cultura, a situação educacional e práticas simbólicas mantidas pelas comunidades amazônicas ao longo das margens do rio Madeira. Neste contexto, o geógrafo francês Paul Claval (2009) ressalta que a dimensão cultural desse povo deve ser preservada, o que na prática não foi concretizada, o que nos levou a fundamentar nossa pesquisa dentro da geografia humanista cultural, com ênfase no viés fenomenológico, para melhor entendimento da problemática ambiental aqui encontrada. **Como método e técnicas**, utilizou-se a aplicação dos mapas mentais como instrumento metodológico para identificação de problemática ambiental e contribuições à abordagem fenomenológica para o entendimento das percepções e experiências dos alunos, sendo que suas produções ocorreram durante a realização de visitas em três escolas ribeirinhas, totalizando 10 alunos, para o entendimento da percepção dos mesmos e da vivência da pesquisadora no espaço ribeirinho de Porto Velho, atendo-se aos fenômenos das enchentes de 2014 e 2019. A corrente da geografia humanista-cultural, com viés fenomenológico, tem se difundido na Amazônia devido ao estudo do homem diante do mundo. O lugar é entendido como produtor de experiência humana e a linguagem é fundamental importância nesse processo de transmissão de saberes culturais e ambientais. Claval (2010) mostra a importância da cultura no processo de transmissão das experiências, por isso faz parte da dinâmica dessa geografia mais humanista compreender os valores, intersubjetividades, sentimentos, comportamentos e privilegiam-se as experiências vividas. A cultura é feita de processos interlocutivos, articula-se no discurso e realiza-se na representação. O linguista Bakhtin (1999) traz a noção de dialogismo, mostrando que o eu e o outro estão intimamente ligados, tendo como elemento articulador a própria linguagem. Destaca-se aqui, a função do signo social como vivo e múltiplo cuja contribuição foi dada por Bakhtin à Geografia, pois ela enfatiza uma concepção de linguagem e de sujeito que ajuda no entendimento dos espaços de representação. Tuan (1983) adota o enfoque humanista ao atribuir o sentido ao lugar, ao campo da afetividade evidenciada e o perceber o meio ambiente, mostra que a percepção se dá através dos sentidos, mas a cultura influencia na forma de perceber, de formar a visão de mundo e de ter atitudes em relação ao ambiente encontrado. Para Kozel, Costa Silva, Gil Filho (2009) a representação com os mapas mentais como produtos da enunciação são textos dialógicos evidenciadores do conhecimento da diversidade humana no espaço, uma vez que através deles podemos perceber aspectos relevantes do espaço e dos lugares vividos pelas pessoas, acessar a dimensão simbólica dos signos e das linguagens, conhecer o mundo do homem através das experiências espaciais. De forma sintetizada, Claval (2010) mostra a importância

da cultura enquanto processo de transmissão das experiências; Tuan (1983) os espaços topofílicos e topofóbicos; Kozel (2007) a representação e os mapas mentais como produtos da enunciação; Bakhtin (1999) o signo social e o dialogismo nos processos interlocutivos se inter-relacionam e permitem pensar o homem no seu espaço vivido. A pesquisa é qualitativa, dentro da abordagem humanista e cultural, privilegiando a interface com os estudos linguísticos. A opção por esse caminhar metodológico permitiu a aproximação com o mundo vivido dos alunos, sendo consideradas suas vozes, experiências espaciais e saberes ambientais. **Resultados e discussões:** A metodologia de Kozel (2001) cujos mapas mentais são tidos como textos, formas de linguagem que compreendem o mundo vivido das pessoas e colaboram com o entendimento das relações entre linguagem, percepção ambiental e sociedade. Essa abordagem metodológica trabalha de forma criteriosa os signos sociais, embasados teoricamente no linguista russo Mikhail Bakhtin (1999), e foi desenvolvida pela geógrafa Salete Kozel, no ano de 2001, onde trabalhou as diferentes representações do espaço para entendimento de Curitiba como capital ecológica (KOZEL, 2001). Compreende-se que a educação passa por um processo das práticas sociais e individuais. Neste caso, é importante considerar que a cultura reflete as ações humanas em relação às suas percepções ambientais, sendo muito importante descrever o espaço geográfico do ponto de vista das experiências. Pode-se dizer que o mapa mental deve ser usado no espaço escolar para entendimento das percepções ambientais dos alunos e na tomada de decisões, levando o aluno a refletir sobre as práticas dialógicas, com signos socialmente construídos e reveladores do modo de agir e viver das pessoas no espaço. A análise dos conteúdos dos mapas mentais: 1) interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem pautou-se; 2) interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem; 3) interpretação quanto à especificidade dos ícones; 4) Apresentação de outros aspectos ou particularidades. Nesta perspectiva, o trabalho com os mapas mentais proporciona trabalhar a dimensão da subjetividade humana, as formas de comunicação, as redes de relações sociais, as observações captadas no espaço, produzindo visão de mundo que interessa à educação. A aplicação dos mapas mentais possibilitou o encontro da pesquisadora com os sujeitos pesquisados, permitindo a interação verbal entre ambos. Os elementos identificados nos mapas foram analisados a partir da contribuição da Teoria Enunciativa de Bakhtin. Significa perceber a dimensão dialógica da linguagem, o mundo vivido dos sujeitos e a intencionalidade dos significados presentes nos textos imagéticos. Na análise realizada, detectou-se vários problemas ambientais, tais como: resíduos sólidos lançados ao rio, perdas de significados simbólicos das pessoas com o rio, escolas servindo de espaços abrigos para os desalojados, remanejamento de famílias, a BR 364 ficou isolada para o Estado do Acre, dificuldade de acesso a alimentos e água potável, tendo racionamento de alimentos, gás e gasolina, sendo gerados grandes transtornos à

população amazônica e muitas dessas percepções ambientais evidenciadas nos mapas mentais possibilitaram interpretar essa Amazônia ribeirinha, considerando as vozes, presentes nos textos imagéticos, e interpretações de um viver ameaçado por falta de planejamento do poder público. **De forma conclusiva**, observou-se que os problemas vivenciados na enchente de 2014 continuam persistindo, tais como remanejamento das famílias, falta de alimentos e água potável, aparecimento de doenças e animais peçonhentos, perdas de casas, ocasionando processos depressivos e desesperança diante da sustentabilidade da vida. Há saberes tradicionais que devem ser preservados, transmitidos, os quais evidenciam visões de mundo dos sujeitos pesquisados e repletos de identidades que precisam ser conhecidas e valorizadas devidamente. As pessoas fazem questão de comunicar suas experiências aos outros, buscam o recomeço diante das tragédias tecnológicas que são justificadas apenas pelas enchentes, por isso os mapas mentais possibilitam esse externar das emoções, das representações sobre um lugar, espaço, sendo textos altamente significativos no conjunto da produção viabilizada pela geografia cultural na Amazônia.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; São Paulo: Hucitec, 1999.
- CLAVAL, P. A cultura ribeirinha na Amazônia: perspectivas geográficas sobre o papel de suas festas e festejos. In: Kozel, S. *et al* (orgs). **Expedição amazônica: desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades amazônicas**. “A festa do boi bumbá”: um ato de fé. Curitiba: SK Ed, 2009.
- CLAVAL, P. **Terra dos Homens: a geografia**, São Paulo: Contexto, 2010.
- CLAVAL, P. Campo e Perspectiva da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (orgs.). **Geografia Cultural: Um século** (3). Rio de Janeiro. UERJ, 2002.
- KOZEL TEIXEIRA, Salete. **Imagens e Linguagens do Geográfico. Curitiba Capital Ecológica**. São Paulo: FFLCH USP. 2001 (Tese de Doutorado)
- KOZEL, S. Mapas Mentais – Uma forma de linguagem: Perspectivas Metodológicas. In: KOZEL, S; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (Orgs) **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007. p.114-138.
- KOZEL, S.; SOUSA, L. F. Parintins, que espaço é esse? Representação espacial sob a ótica do morador e do visitante. In: Kozel, S. *et al*. **Expedição amazônica: desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades amazônicas**. “A festa do boi bumbá”: um ato de fé. Curitiba: SK Ed, 2009.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SOUSA, L. **Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia**: uma relação humanista com o rio. Porto Velho: Temática, 2014